

Oportunidade para ser um trabalhador legalizado

Págs. 10 e 11

Foto:Thais Gobbo



“É NÓIS!”

Adultos voltam à sala de aula e reescrevem suas histórias Págs. 4 e 5

“É NÓIS!”

De braços abertos, Cajuns convidam para oficinas gratuitas Pág. 3

ESPECIAL

Defesa Civil alerta para cuidados com a chuva Pág. 12

Senhor da Memória: com a esposa, Francisco lembra nosso passado Págs. 10 e 11

Foto: Cosme dos Santos



PARTIU?

Rock na avenida: Pega no Samba convoca moradores para ensaios Pág. 9

PARTIU?

Novidades prometem emocionar na Cantata de Natal “Celebrando Jesus” Pág. 8

Foto: Brenda Scháde



COLUNA “TÁ NA MESA”



Chegou a hora de experimentar a mousse de maracujá da Rosely Baia Pág. 8

Foto: Brenda Scháde

Entre lembranças e esquecimentos

Somos feitos de lembranças e esquecimentos. O que lembramos são fatos do passado que aconteceram com a gente ou com alguém que conhecemos. São as lembranças que algumas vezes embalam conversas com histórias repetidas, que ganham e perdem detalhes a cada novo momento que emergem no presente pela fala de alguém. O que esquecemos é o que passou de forma tão despercebida que parece mesmo que nunca existiu. Ou o que nos atropelou de forma tão inesperada que desejamos que nunca tivesse acontecido e, por isso, deixamos de falar no assunto até que ele desapareça, suma, acabe. Mas porque falar disso neste editorial? Por alguns motivos.

O primeiro motivo é para falar do Sr. Francisco, o personagem da nossa foto principal de capa e entrevistado da edição. A pauta foi proposta em harmonia com a

ideia que a equipe do jornal tem de valorizar personagens importantes para as comunidades, que fazem a diferença e que por aqui vivem há muito tempo. Sr. Francisco se encaixou perfeitamente no perfil. Com muita simpatia, recebeu nossa equipe e completou nossas lembranças de forma generosa apresentando as dele.

O segundo motivo é para dizer que um jornal e qualquer outro veículo de comunicação que se proponha a registrar fatos do cotidiano é um Senhor de Memória. Isso mesmo! Se os temos como fonte de conhecimento sobre o que ocorre ao nosso redor, eles nos dizem o que devemos lembrar e o que devemos esquecer. Como? Escolhendo o que sai em cada página, que não são todos os acontecimentos, mas aquilo que foi escolhido para estar ali (por critérios ligados ao interesse público) para

serem lembrados. E por isso vale a pena fazer um jornal comunitário. Assim assuntos que seriam postos de lado por um grande jornal, virando esquecimento, no Calango é destaque, é memória, está registrado como parte de nossa lembrança.

O terceiro motivo é para fazer um convite. Se você leu a nossa segunda edição e achou que faltou alguma coisa, você tem razão. Mas não fique parado não. Você pode interferir neste projeto de diversas maneiras. Uma delas é ser repórter comunitário; outra é enviar assuntos interessantes para serem notícias; e também recebemos críticas e sugestões para melhorar sempre. Participe! Não deixe que sua opinião vire esquecimento. Desejamos um feliz Natal e um 2014 muito melhor do que todos os anos vividos até aqui. Nos vemos novamente no ano que vem!

EXPEDIENTE

Realização



Apoio



Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural

Ministério da Cultura



Diretora - Presidente do Ateliê de Ideias
Leonora Mol

Coordenação - Varal Agência de Comunicação
Ponto de Cultura Agência de Comunicação do Território do Bem
Geisiane Teixeira

Assessoria de comunicação e marketing
Rummos Assessoria e Pesquisa e Avaliação

Logomarca
Sóter França, Aristide Kadio, Cosme Santos, Jairo Santos, Jeferson Louis, Israel Souza, Thais Gobbo e Valmir Dantas.

Editora
Mirella Bravo de Souza Bonella

Repórteres
Brenda Schåde, Cosme Santos, Eduarda Santos, Gabrielly Soares Alves, Geisiane Teixeira, Jeferson Louis, Karolainy Peçanha, Sebastião Casto, Thais Gobbo, Valdir Santos e Valmir Dantas.

Orientador de projeto gráfico
Hugo Cristo

Diagramação
Jeferson Louis

Ilustração
Sóter França Junior

Fale com a gente - Redação
Rua Daniel Abreu Machado, nº 165, Itararé, Vitória/ES
Sede da Varal Agência de Comunicação.
Telefone: 027 - 30226190

Chefia de reportagem
Mirella Bravo de Souza Bonella

E-mail
calangoreportagem@gmail.com

Para anunciar no Calango Notícias
E-mail: varalagencia@gmail.com
Telefone: 027 - 99223095

BASTIDORES



Cajuns: Portas abertas para novos participantes

Pense em um lugar alegre e acolhedor onde são oferecidas de graça aulas de capoeira, informática, música, dança, percussão, coral e circo. Assim são as casas que abrigam o projeto “Caminhando Juntos”, lugar para convivência social de crianças de adolescentes.

Foto: Cosme dos Santos

Brenda Schäde

O Cajun é um projeto da Prefeitura de Vitória com objetivo de desenvolver o potencial de crianças e adolescentes, entre 6 a 15 anos de idade. Ao todo, na cidade são 14 casas, sendo que 5 estão no nosso território.

De acordo com Nilson Faustino (38), o que o motivou a inscrever seus dois filhos, Samuel (13) e Andriely (8), foi a oportunidade de educação e o forte incentivo à arte e à cultura.

“A minha filha Andriely, que há dois anos frequenta o Cajun de Jaburu das 13h às 15h, teve um ótimo desenvolvimento intelectual”, disse.

A coordenadora do Serviço de Convivência para Crianças e Adolescentes de Vitória Fernanda de Carvalho Ferreira explicou que o objetivo do projeto é fortalecer a autonomia das crianças e dos adolescentes e fortalecer os laços familiares, fazendo com que o espaço seja um lugar de convivência social. “Trabalhamos as relações de amizade, para que se possa fazer uma formação cidadã de mais qualidade, para que os participantes se tornem mais questionadores”, completou.

Mas, apesar de todos os benefícios, há alguns casos de desistência. A coordenadora



Samuel e Andriely tem o apoio dos pais para estar no projeto, que dá acesso à arte e à cultura.

contou que o principal motivo é que muitas crianças faltam por estarem de castigo. “Um motivo que a gente percebe que as crianças não vão aos Cajuns é porque os pais as deixam de castigo. Isso infelizmente acontece muito. A gente chama os pais e responsáveis que moram no território pra fazer uma visita ao Cajun mais próximo, para que possam verificar as atividades artísticas, esportivas

e culturais que o Cajun está oferecendo”. Para participar é fácil! É só o responsável pela criança ir ao Cajun com a certidão de nascimento, comprovante de residência e matrícula escolar da criança. Fique atento às datas de oficinas oferecidas gratuitamente. Abaixo, confira nas tabelas as atividades do mês de dezembro e os endereços dos Cajuns do Território do Bem.

PROGRAMAÇÃO DE DEZEMBRO DOS CAJUNS DO TERRITÓRIO DO BEM

Cajun Bonfim	Cajun de Consolação	Cajun de Bairro da Penha	Cajun de Jaburu
Oficina de Artes/artesanato Oficina de Capoeira Oficina de Dança Exibição do filme: O Mundo Mágico do Cajun	Oficinas de música, jogos e brincadeiras as segundas e quartas. Oficinas de capoeira e artes visuais as terças e quintas.	Mostra Cultural, no dia 6 de dezembro, na EMEF Zilda Andrade, às 19h.	Passeio na Fazenda Camping, no dia 14 de dezembro. Oficinas de segunda a quinta, festa dos aniversariantes do trimestre no dia 19 de dezembro.

* Observação: O Cajun de Itararé / Engenharia não atendeu as nossas solicitações.

CONHEÇA O CAJUN MAIS PERTO DE VOCÊ!

Unidade	Endereço	Telefone	Horário de funcionamento
Cajun em Bonfim	Rua José Nery Do Rosário, nº 4, Bonfim	3324-7220	8h às 12h / 13h às 17h
Cajun no Bairro da Penha	Rua Pedro Ferreira Lima, S/N, Bairro da Penha	3137-2110	8h às 12h / 13h às 17h
Cajun em Consolação	Rua Desembargador Gilson Mendonça, nº 997, Gurigica	3315-1353	8h às 12h / 13h às 17h
Cajun em Gurigica/Jaburu	Beco Bons Sonhos, nº 55, Jaburu	3227-5720	8h às 11h40 / 13h às 16h55
Cajun em Itararé/Engenharia	Beco Maria José Baldan, S/N, Itararé	3382-6166	8h às 12h / 13h às 17h

De volta à sala de aula, eles querem saber mais

Foto: Thais Gobbo

Oportunidade. É isso que significa para muitos o verbo estudar. E o sentido fica ainda mais completo quando o verbo é conjugado na primeira pessoa: Eu estudo. Orgulhosos, três moradores do Território do Bem contam como voltaram para a sala de aula para aprender a ler e escrever ou completar os estudos. Resultado: novos planos e muita vontade de aprender ainda mais.

ENSINO FUNDAMENTAL

“Quando você passa a conhecer, você passa a saber de muitas coisas que não sabia que existia”, diz Martinha dos Santos, 51 anos, que mora com seus dois filhos no bairro São Benedito.

Ainda quando criança, Martinha teve que escolher entre trabalhar ou estudar, e para ajudar seus pais optou por trabalhar. Ela não conseguiu concluir o Ensino Fundamental. “Foi uma opção que tive que fazer, não foi porque meus pais não me apoiavam nos estudos”. Antes de se casar, Martinha ainda tentou terminar até a 8ª série fazendo um supletivo que acabou não dando certo.

Várias oportunidades de trabalho surgiram, mas não conseguiu nenhum dos empregos por ter baixa escolaridade.

Em abril de 2012, ela voltou a estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de Educação de Jovens Adultos (EJA) Prof. Dr. Admarco Serafim de Oliveira. Martinha conta que sempre teve vontade de voltar a estudar e que essa oportunidade deu muito certo.

A escola Admarco é especializada em EJA e tem uma dinâmica diferente, na qual os estudantes sugerem um assunto que vai ser abordado por todas as matérias. Martinha relata que sua turma já estudou sobre economia solidária, movimentos sociais, movimento negro, comunidade quilombola e também sobre diversidade sexual. O professor Carlos Fabian de Carvalho, diretor da escola Admarco, conta que a EMEF funciona nos três turnos e tem aulas de segunda a quinta-feira. A escola é uma sede do projeto e fica na Mata da Praia, mas há turmas da escola em outros lugares da cidade. São 423 alunos nas 24 turmas que funcionam em lugares diferentes de Vitória.

A matrícula pode ser feita em qualquer



No EJA desde 2012, Martinha corre atrás do sonho de completar os estudos.

horário e época do ano. O interessado pode ir à escola ou na turma que deseja estudar. É somente necessário ter acima de 15 anos.

Para mais informações: (27) 3315-8606 Rua Maria de Lourdes Poyares Labuto, Mata da Praia, Vitória (antiga Escola Brasileira).

VITÓRIA ALFABETIZADA

Gildeti Fernando Silva, 56 anos, é casada e moradora de Jaburu há 23 anos. Ela trabalha como empregada doméstica e nunca

frequentou nenhuma escola na infância porque seu padrasto achava que ela e seus irmãos não iriam aprender coisas boas. Na infância, morou em Ilhéus, na Bahia, e desde 11 anos começou a trabalhar das 7h às 16h em lavouras de café, cacau e mandioca. A rotina foi assim até os 21 anos. E, quando veio para Vitória, começou a trabalhar como empregada doméstica.

Dona Gildeti ficou sabendo da existência do programa Vitória Alfabetizada por meio do líder comunitário Sebastião

e logo procurou saber onde poderia se matricular. As aulas tiveram início no dia 24 de setembro e tem duração de 8 meses. Depois disso, ela pretende cursar o Ensino Fundamental, Ensino Médio e fazer graduação no curso de Jornalismo. A moradora do Jaburu disse que já aprendeu a ler, que todos colegas de sala estão adorando e afirmou que “a pessoa que não tem leitura vê tudo mas não enxerga nada”.

Para participar do projeto Vitória Alfabetiza assim como a Dona Gildeti é preciso ter de 15 a 59 anos e se cadastrar no site www.vitoria.es.gov.br/vitoriaalfabetizada ou ligar para o 156.

ENSINO MÉDIO

Tarciso Pereira Felipe, de 27 anos, mora sozinho em São Benedito, trabalha como bombeiro hidráulico no Shopping Vitória e parou de estudar porque precisava trabalhar. Seu sonho é cursar Pedagogia e, posteriormente, participar de cursos. A vontade de ser pedagogo surgiu vendo uma amiga formada trabalhando com crianças.

Tarciso incentiva os jovens a não abandonarem os estudos para trabalhar, pois no futuro o arrependimento é maior.

O morador do São Benedito está concluindo o Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Hidelbrando Lucas, em Maruípe.

Se você deseja seguir o mesmo rumo, ligue para a EEEM Hidelbrando Lucas pelo telenome (27) 3325-8451.



Gildeti: "A pessoa que não tem leitura vê tudo mas não enxerga nada".

Por mais política e menos programas na Educação

Eduarda dos Santos

O Brasil é um país de aproximadamente 200 milhões de habitantes, entre os quais 16 milhões são analfabetos funcionais. Essa parcela representa 8% da população total do país, uma mancha na história da educação no Brasil enfrentada com deficiente aplicação de soluções.

De acordo com Carlos Fabian Carvalho, diretor da escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA) Professor Admarco Serafim de Oliveira, o termo analfabetismo funcional apresenta diferentes definições. A mais técnica diz que analfabeto funcional é o sujeito que não consegue ler a bula de remédios, receitas de bolos ou efetivar as quatro operações da matemática de soma,

subtração, divisão e multiplicação.

Carlos Fabian ressalta ainda que mesmo após a escravidão não conseguimos identificar governos municipais, estaduais e federais que busquem dar a devida prioridade à educação com política pública.

No Brasil, os projetos voltados para o combate desse problema começam e logo terminam. Alguns exemplos são a Alfabetização Solidária e o Vitória Alfabetizada, que são programas e não políticas de Estado. Ele diz: “Isso é um problema porque o programa faz parte do governo de um partido. Política de Estado é ter a certeza de que a sala de aula vai abrir e vai continuar aberta nos próximos dez anos. Essa certeza ninguém consegue dar para a educação no Brasil. Isso acontece com a EJA.

É um programa, um projeto que pode ser interrompido, não é uma política”.

Quanto às dificuldades de aprendizado enfrentadas pelos alunos do EJA, o diretor acredita ser metodológica, ou seja, o segredo reside na “compreensão de como se processa a construção de conhecimento daquele sujeito”. A partir da compreensão de como aqueles alunos entendem o mundo que os cerca, a escola cria maneiras específicas de educação, sempre considerando a realidade dos estudantes.

Por isso, para o diretor Carlos Fabian, o movimento a favor de uma educação melhor está concentrado na definição da melhor maneira para o aluno conseguir aprender, além da criação de políticas públicas para erradicar a desigualdade social.

Torne seu trabalho legal e garanta seus direitos

A vida de Cláudia Mara Gonçalves, de 39 anos, deu uma guinada quando ela decidiu parar de trabalhar como doméstica e abrir seu próprio negócio registrada como Microempreendedora Individual.

Foto: Brenda Schade



Cláudia: "Minha renda aumento cerca de 300% como microempreendedora".

Geisiane Teixeira

Atenção! Essa matéria é para você que trabalha por conta própria e ganha no máximo R\$ 60 mil por ano em atividades como as de cabeleireiro, costureira, camelô, ambulante, pipoqueiro, manicure, vendedor de roupas e cosméticos, pedreiro, verdureiro, encanador, eletricista, entre outras. Você pode aumentar seu faturamento se tornando um Microempreendedor Individual (MEI).

A empreendedora Claudia Mara Gonçalves, de 39 anos, casada e mãe de quatro filhos, começou a carreira de comerciante como sacoleira vendendo roupas de porta em porta. Depois de dois anos, alugou um ponto comercial no Bairro da Penha, onde mora, e abriu a loja Estrela de Israel. Focada no sucesso do negócio, ela não hesitou em buscar ajuda para legalizar sua empresa e participou do curso Comércio Total, oferecido pelo Sebrae. Depois de bem informada, formalizou o comércio virando uma Microempreendedora Individual.

E Claudia só encontrou vantagens no MEI. Com o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) nas mãos, ela compra em atacado as mercadorias que vende, emitindo nota fiscal. E aponta outros

benefícios da legalidade, como ter direito à cobertura previdenciária, aposentadoria, abertura de conta em banco e acesso a crédito com juros mais baratos.

"As lojas em que compro em Goiânia e São Paulo exigem nota fiscal para compras em atacado. Para comprar no varejo fica muito mais caro, aí não valeria a pena", conta.

Formalizada como MEI desde 2011, Cláudia já comemora os resultados do negócio. "Minha renda aumentou cerca de 300% como microempreendedora. Quando eu era doméstica, eu ganhava menos de um salário mínimo por mês", pontuou.

E quem ainda não é MEI, depois de se informar, já pensa em se cadastrar. A cozinheira autônoma Maria da Conceição Barbosa, de 54 anos, moradora de São Benedito, não é formalizada. Ela acredita que quando for legalizada como MEI vai fidelizar mais clientes e aumentar a renda. "Quando servimos coffee-break nas empresas, precisamos dar nota fiscal, e pra isso temos que ter CNPJ. Se não tivermos, perdemos o serviço e o cliente", explica.

Para Maria outra vantagem é investir na aposentadoria. "Sempre trabalhei como autônoma, mas nunca paguei INSS. Como MEI, sai mais barato o que tenho que pagar por mês", diz a empreendedora que ainda

tem dúvidas sobre as vantagens e obrigações do Microempreendedor Individual.

SEBRAE ORIENTA OS INTERESSADOS

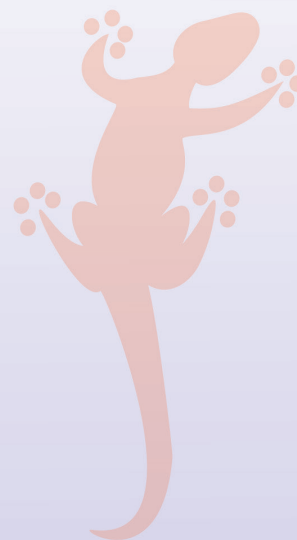
Um caminho para conhecer melhor o passo-a-passo para se tornar um Microempreendedor Individual é ir ao Sebrae. A gestora do Programa do Sebrae/ES, Renata Braga, orienta que o trabalhador interessado em se formalizar como MEI participe de uma palestra oferecida diariamente na unidade de Vitória. Lá é possível conhecer os direitos e os deveres do MEI.

"Depois da palestra, encaminhamos o trabalhador para a prefeitura de seu município. Lá é feita a checagem da possibilidade de formalização no endereço que ele vai atuar. E depois da formalização como MEI, é importante fazer os procedimentos básicos: controlar despesas, receitas e prestar contas", complementou.

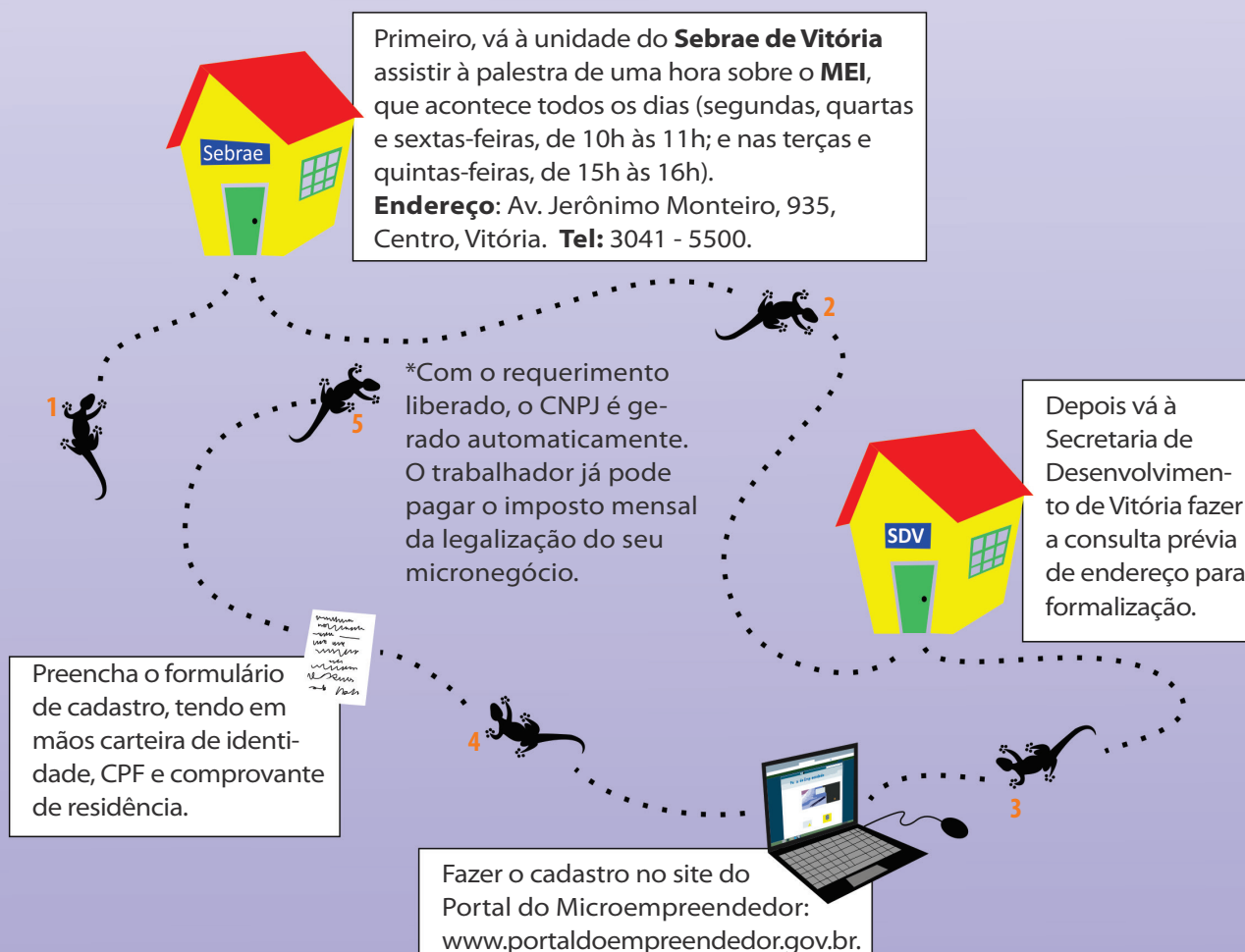
O único custo da formalização como MEI é o pagamento mensal de R\$ 39,90, que já inclui o INSS. O pagamento é feito através de boleto bancário emitido no Portal do Empreendedor: www.portaldoempreendedor.gov.br. Qualquer outra cobrança recebida não é do governo, não está prevista na legislação e não deve ser paga.

Benefícios de um Microempreendedor Individual

- Ter **CNPJ**, o que possibilita abertura de conta em banco e acesso a crédito com juros mais baratos;
- **Cobertura da Previdência Social** com aposentadoria e licença-maternidade;
- Possibilidade de negociação de preços e condições nas compras de mercadorias para revenda, com prazo junto aos atacadistas e melhor margem de lucro;
- Emissão de nota fiscal e participação em licitações de órgãos públicos ;
- Regularização do negócio com alvará emitido pela prefeitura (a mercadoria já não corre risco de confisco);
- Ter endereço fixo para facilitar a conquista de novos clientes;
- O MEI poderá ter um **empregado registrado** – desde que este receba entre o salário mínimo e o piso salarial da categoria.



O passo-a-passo para se tornar um MEI em Vitória



Cantata de Natal promete emocionar os moradores

O espetáculo será apresentado na quinta-feira, 05, na quadra do Secri, em São Benedito, e a entrada é gratuita.

Foto: Brenda Schade

Gabriely Alves e Karolayne Peçanha

Empolgação. Essa é a palavra que representa o sentimento de 57 crianças, de 9 a 12 anos, participantes do Coral Cantando e Encantando do programa Crer Com as Mãos do Serviço de Engajamento Comunitário (Secri). É que elas serão as responsáveis pela Cantata de Natal “Celebrando Jesus”, que acontece nesta quinta-feira, 05, na quadra do Secri, em São Benedito, Vitória.

E o público deve vir preparado para se emocionar. Com o tema Folclore Brasileiro, a Cantata deste ano chega cheia de novidades, entre canções coreografadas e um rap natalino para fechar o espetáculo.

“Todos os anos, buscamos inovar na Cantata, com apresentação de balé, teatro, fazendo coreografias. Mas esse ano os componentes do coral também farão coreografias. No final terá um rap de Natal que as crianças estão adorando ensaiar”, revela uma das educadoras do Crer Com as Mãos, Nivanei Norma.

Para uma das solistas do Coral, Isabela Cunha Leonardo, de 10 anos, moradora de São Benedito, na medida em que a data



Isabela é uma das solistas do coral Cantando e Encantando, que conta com 57 integrantes.

“Estou ansiosa para chegar o dia da Cantata, é muito legal ter minha família e amigos me vendo cantar”.

Isabela Cunha Leonardo

da apresentação se aproxima “o frio na barriga só aumenta”, conta a menina que sonha em ser veterinária, mas diz que se a carreira de médica não der certo ela já sabe que vai investir na música.

Este é o terceiro ano que o Secri promove a Cantata de Natal. A primeira apresentação aconteceu em 2011 e teve como tema “Plano de Deus”. O evento surgiu quando uma educadora percebeu que na comunidade não existia uma celebração coletiva do Natal.

E para quem não puder ir a esse primeiro e grande encontro, vale conferir as apresentações que serão realizadas pelo grupo em outros locais da Grande Vitória.

APRESENTAÇÕES

Dia 05 de dezembro, às 19 horas, na Quadra do Secri. Rua Tenente Setubal, 395, São Benedito, Vitória.

Dia 08 de dezembro, às 8h45, na Paróquia Santa Rita de Cássia, Santa Lúcia, Vitória.

Dias 11 e 12 de dezembro, às 19 horas, no Shopping Mestre Álvaro, Serra.

Dias 13 e 14 de dezembro, às 19 horas, no Shopping MontSerrat, Serra.

Uma delícia que agrada a família toda



lá na mesa!

Foto: Brenda Schade



Que tal preparar uma sobremesa saborosa, fácil e rápida de fazer? Há 12 anos trabalhando como cozinheira, Rosely Fernandes Baia vai nos ensi-

nar um doce azedinho, mas com uma cremosidade que o torna irresistível. A Dona da barraquinha Delícias da Roça, que fica na pracinha de Itararé, vai nos ensinar a preparar a Mousse de Maracujá.

Ingredientes:

1 lata de leite condensado
1 lata de creme de leite ou 2 caixinhas de 200 ml
200 ml de suco de maracujá natural

Como fazer:

Colocar todos os ingredientes no liquidificador e bater até misturar bem. Dois minutos depois, a sobremesa está pronta para ser despejada em uma travessa ou potinhos.

Por fim, deixe um tempo na geladeira. Para dar um toque especial, coloque por cima da mousse as sementes do maracujá com um pouquinho do suco.

Fantasia de graça para quem ensaiar e desfilarm

A azul, vermelho e branco do bairro Consolação quer fazer samba tem tema especial: os Beatles. E todos estão táculos apresentados pela agremiação até aqui.

Valdir Santos

O cinquentenário dos Beatles vai virar samba em Vitória. O Grêmio Recreativo Pega no Samba leva para o Sambão do Povo em 2014 o enredo "Festa, Samba e Rock and Roll - Uma Viagem de Liverpool à Vitória,

50 anos de Beatles".

A escola de samba quer entrar na avenida com cerca de 2 mil integrantes e

por isso convida os moradores para aprender as coreografias e ganhar suas fantasias.

Para levantar a plateia e mostrar aos foliões como o mundo mudou nesses cinquenta anos, a Pega no Samba conta com a parceria da banda Capixaba Big Beatles. "Fizemos uma série de pesquisas sobre a música dos Beatles, a influência na moda e da banda no Brasil, a história do rock e a história inglesa. Tivemos a preocupação de procurar em nosso Estado vários beatlemaníacos. Na cidade de Colatina descobrimos um Bar chamado Liverpool, que é totalmente estilizado, com relíquias primorosas dos Beatles em seu acervo. Foi assim que encontramos ingredientes necessários

para a construção do enredo", contou o diretor de patrimônio da Pega no Samba, Maurício de Oliveira (o Merrinho).

Há cinco anos como intérprete de apoio, Breno Lirio Almeida, 19 anos, morador de Consolação, diz que fica emocionado de fazer parte da homenagem ao quarteto mais famoso do mundo. "É uma emoção muito grande porque eles são até hoje uma das bandas de rock mais famosas do mundo e tiveram uma trajetória que repercutiu até hoje", explica.

Breno, que trabalha como operador de máquina numa gráfica, conta que sonha em fazer faculdade de música e ser intérprete de apoio da escola é um empurrão para conquistar o diploma. "Enquanto não entro na faculdade de música, faço aulas de canto com o intérprete oficial da Pega no Samba, o Danilo Senna", ressaltou.

Enquanto o Breno ajuda a puxar o samba enredo, outra moradora de Consolação brilha como rainha de bateria da escola de samba. Jordana Catarina esbanja elegância, simpatia e samba no pé. A estudante de Educação Física diz adorar

carneval e desfilarm na sua escola de coração é uma grande honra. Ao falar sobre a importância da escola para a comunidade, Catarina explica que a agremiação traz, além de lazer, trabalho e renda para os moradores. "A escola é muito importante para a comunidade, pois trazemos cultura, entretenimento e a cada enredo novo aprendemos uma nova história. Além disso, há os empregos gerados aqui, como aderecistas e soldadores".

QUANDO É O DESFILE?

A Pega no Samba desfila no Carnaval de 2014 pelo Grupo Especial A no sábado dia 22 de fevereiro. Hoje a escola está entre

bonito na avenida no Carnaval de 2014 de Vitória. O convidados para ensaiar e fazer deste o maior dos espe-

as cinco escolas capixabas de maior destaque, o que é uma oportunidade de mostrar a força da comunidade da Grande Consolação para o mundo, já que nosso carnaval será transmitido em rede nacional e internacional pela TV Capixaba/BAND.

SERVIÇO

Participe dos ensaios e ganhe sua fantasia

Quando? Todas as quintas-feiras, a partir das 19h. E aos domingos, a partir das 15h.

Onde? Na quadra da Escola Pega no Samba, rua Dr. Américo de Oliveira, Consolação.



Produtos artesanais & integrais:
Pastas, Bolos, Quiches e Pães
Serviços de Café e Cestas.



Telefone de contato:
27 9809 6157

Foto: Cosme dos Santos

Jordana Catarina e rainha de Bateria da Pega no Samba.

As Lembranças de um Itararé bem diferente

Valmír Dantas

Os ponteiros do relógio da década de 1940, pendurado na sala, marcavam 14 horas quando a equipe do Calango Notícias chegou à casa do senhor Francisco Américo Mônico, 82 anos, um dos moradores mais antigos da região o Território do Bem. O dia estava com céu azul e tarde agradável, propícia para um bom bate-papo na varanda, onde o simpático carpinteiro aposentado, mais conhecido como senhor Américo, nos contou como veio parar em Itararé, Vitória. Descendente de alemão e italiano, nascido em Santa Tereza, foi morar em Itaguaçu depois de se casar com Ilza Costa Mônico, de 81 anos. Em 1959, ele e a esposa ganharam um dinheiro como parte da herança do pai dela que havia morrido e resolveram se aventurar por estas bandas, trazendo os três filhos mais velhos. Aqui, aumentaram a prole com mais quatro herdeiros. Há 54 anos morando na Rua Arlindo Sodré, número 208, em Itararé, o senhor Francisco não se lembra com precisão das datas, mas recorda-se dos acontecimentos, das dificuldades que viveu com a família na época das enchentes, da falta de água encanada, até da união dos amigos para ajudarem as famílias mais carentes a construir casas no alto do morro.

Abaixo você vai ler a nossa conversa com o ex-lavrador de Santa Tereza e carpinteiro aposentado de Vitória, o Senhor da Memória do Território do Bem.

ENTREVISTA

Calango - Porque saiu de Santa Tereza e veio para Vitória?

Francisco - Vim para Vitória porque na fazenda onde eu morava, onde conheci minha esposa, depois da morte do meu sogro, começou uma guerra por herança. Eu vi que iria sobrar um pouco de dinheiro pra gente (ele e a esposa), então pensei: Quem tem que se afogar, tem que ter com muita água, porque com pouca não dá para morrer, não. Então vim para Vitória tentar a vida. Aqui comecei a trabalhar de carpinteiro.

Calango - Quantos moradores havia aqui?



Ao lado de dona Ilza, Sr. Francisco viu o Território do Bem crescer.

Francisco - O bairro era pequeno, mais ou menos umas trinta famílias.

Calango - Como era essa região nas décadas de 50 e 60?

Francisco - Era difícil. Na época de chuva, nós enfrentávamos água até o joelho. Onde hoje é o campo da pracinha, depois que chovia, ficava oito dias de água parada ali. Os moradores ficavam ilhados. Eu tinha três filhos que estudavam lá em cima, no colégio Zilda Andrade (em Bairro da Penha). Para levá-los até lá, eu levantava a bermuda, os jogava aqui no pé do pescoço e passava pela água. Perto de onde hoje é o campo do Caxias, era tudo mangue. Aqui nem rua existia. Havia um carroceiro que trazia pra gente o material de construção, porque carro não entrava aqui na minha rua. Como entrar carro sem rua? A Rua Daniel Abreu Machado era toda de palafita.

Calango - Na época não havia água encanada?

Francisco - Não. Nós íamos até a torneira pública que ficava perto do Quartel da Polí-

cia Militar (a uns 200 metros da casa dele) para pegar água. Eu, por exemplo, levantava uma hora da manhã para encher um tonel de água, trazia pra casa para a mulher fazer as coisas: arrumar a casa, lavar roupa. Eu fiquei mais de oito anos carregando água nas costas.

Calango - E a chegada do ônibus nessa região?

Francisco - Só depois de uns 20 anos que eu morava aqui que o ônibus chegou. Só havia ônibus na Avenida Maruípe; o bondinho ia do Centro de Vitória até Jucutuquara, Fradinhos.

Calango - E para fazer compras de alimentos?

Francisco - Eu saía daqui até a Vila Rubim, pegava o bonde em Jucutuquara. Eu e minha filha Marlene pegávamos o bonde e seguíamos para a Vila Rubim para fazer compras. Trazíamos duas sacolas cheias. O bonde deixava a gente em Jucutuquara e, de lá pra cá, a gente vinha a pé.

Calango - O que vocês, moradores mais antigos, fizeram para o crescimento desta região?

Francisco - A gente conversava muito sobre o que poderíamos fazer para ajudar a melhorar Itararé e os outros bairros.

Calango - O que vocês decidiram nessas conversas?

Francisco - Nós juntamos umas pessoas, fomos até o finado ex-prefeito de Vitória Solon Borges (1963 / 1966) e contamos sobre os alagamentos e a falta de água nas casas. Dissemos a ele que precisávamos que a água chegasse aqui nesta região.

Calango - E o que aconteceu?

Francisco - Quando conversamos com Solon Borges, ele era vereador, candidato a prefeito. Depois que se elegeu, fizeram a ligação da água aqui na rua. A gente chegou a dar água para um monte de gente do Bairro da Penha que vinha aqui pedir. Desciam o morro e vinham de balde pegar água aqui em casa.

Calango - O morro não tinha casa nenhuma?

Francisco - Estava começando a invasão do morro. Ajudamos muitos amigos a construir seus barracos. Começavam no final da tarde a construir e no outro dia pela manhã já estavam cozinhando feijão. Na época o finado sargento Carioca disse para eu pegar um lote pra mim, mas eu disse a ele: 'não quero não, deixa para quem tem mais necessidade do que eu'. Era uma alegria para mim ajudar as pessoas a construírem as casas. Estou aqui com a graça de Deus. Deus está me abençoando tanto, acho que de tanto amor que tenho pelos meus amigos, irmãos. Porque nós somos todos irmãos. Nós te-

mos que nos abraçar mais. Saber que quando morremos não levamos nada.

Calango - O senhor ajudava muita gente?

Francisco - Sim, eu pegava meu carro levava para hospital. Nunca cobrei um centavo de ninguém. O que eu puder fazer pelos outros, eu faço.

Calango - O que do passado o senhor tem mais saudade?

Francisco - Francamente, eu tenho muita saudade do passado. Naquela época eu consegui construir no meu quintal essas quatro casas. Hoje, eu não consigo comprar uma lata de tinta para pintar a minha casa. Fui aposentado com o tempo de serviço, 36 anos, e com isso perdi o salário que recebia. Eu era autônomo, mas pagava em dia meu INSS. Eu ganhava mais ou menos uns dois salários, trabalhando, e depois na aposentadoria passei a ganhar um salário. A minha sorte é que eu tenho seis garagens alugadas e minha filha, a Marlene, me ajuda demais.

Calango - E em relação aos amigos?

Francisco - Tenho saudades dos amigos. Mas aonde chegamos somos muito bem tratados, me sinto muito bem com as pessoas. A gente tem que saber conviver no mundo. Eu servi a pátria em 1950 e, como militar das Forças Armadas, aprendi a servir os outros. Eu levei isso para minha vida. Com isso fizemos muitos amigos, irmãos, conhecemos muita gente boa.

Calango - O senhor é o único morador daquela época que vive aqui até hoje?

Francisco - Eu, a viúva de um vizinho e o senhor Helio Rosa.

Calango - O senhor morou em barraco durante quanto tempo?

Francisco - Nós moramos em barraco durante uns oito anos. Depois fui construindo as minhas casas, essa minha e as que hoje moram alguns dos meus filhos.

Calango - O senhor fica feliz quando vê as evoluções que houve desde quando o senhor chegou aqui?

Francisco - Ah, eu fico bastante feliz sim. Porque a gente tem que ir para frente, pra trás só caranguejo. Quanto mais evolução, tecnologia, melhor pra essa nova geração e pra gente da antiga também.

Um pouco mais da história do bairro



Sr. Francisco e Família.

O bairro de Itararé fica localizada na região central do município de Vitória, entre as Avenidas Maruípe e Leitão da Silva. O bairro surgiu por volta dos anos 50, em decorrência de invasões apoiadas pelo Sargento Carioca e outros moradores.

A região passou por vários processos de aterros, realizados tanto pelo poder público quanto pelos moradores. As primeiras casas eram de sapé ou de tijolos construídos precariamente pelos moradores que, em sua maioria, haviam saído de municípios próximos à cidade e migrantes do interior do Estado. Essas famílias se estabeleciam em áreas precárias pela necessidade de habitação própria.

Hoje o bairro é dividido em duas áreas: Itararé (parte baixa) e Alto Itararé (parte que abrange o morro).

ATENÇÃO, MUITO CUIDADO COM A CHUVA



O período de chuvas fortes já chegou e isso cobra alguns cuidados. Por isso, fique atento às dicas da Defesa Civil do Espírito Santo.

Antes:



Não jogue lixo ou entulho no córrego, para não obstruir a passagem da água;



Não construa próximo a córregos que possam inundar;

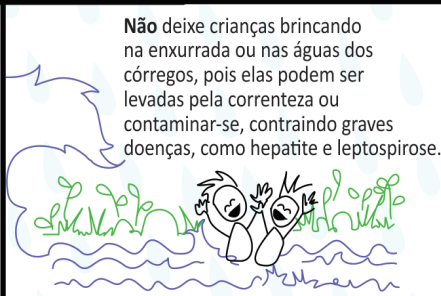


Não construa embaixo de barrancos que possam deslizar, soterrando sua casa.

Durante:



Se o nível de água estiver subindo, vá com sua família para um **lugar seguro**;



Não deixe crianças brincando na enxurrada ou nas águas dos córregos, pois elas podem ser levadas pela correnteza ou contaminar-se, contraindo graves doenças, como hepatite e leptospirose.

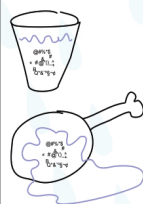


Em caso de febre, vômitos, diarreia, dores de cabeça ou no corpo, se tiver qualquer outro sintoma de doenças ou alguma dúvida sobre os procedimentos seguros para sua saúde, procure imediatamente o **Centro de Saúde** mais próximo.

Depois:



Não use equipamentos elétricos que tenham sido molhados ou em locais inundados, pois há risco de choque elétrico e curto-circuito;



Cuidado com a água que for beber: veja se não foi contaminada pela inundação, o que traz sérios riscos à saúde; Cuidado também com os alimentos: os atingidos pela água estão contaminados;

Contatos: Defesa Civil de Vitória: 3382.6168/3382.6167/8818.4432 - Corpo de Bombeiro: 193

Fonte: <http://www.defesacivil.es.gov.br>

Foto: Cosme dos Santos



Está Reformado o Parque do Bem em Jaburu

Cosme dos Santos

No dia 31 de setembro, foi reinaugurado o Parque do Bem em Jaburu. O local passou por uma reforma nos brinquedos e nos canteiros, foi contemplado com muro de contenção e recebeu plantas novas.

O parque foi construído num local que antes era um lixão graças a uma ação do Ecos do Bem e uma parceria com voluntários do CISV. Na ação foi erradicado todo o lixo e foram plantadas espécies medicinais

e ornamentais. E, como os moradores continuaram cuidando do espaço, a ArcelorMittal juntamente com seus voluntários construiu o parque e, após 2 anos, voltaram para novamente junto com os moradores fazer a restauração.

“O Parque do Bem é importante na comunidade por ser o único espaço de lazer para as crianças, como meu filho Kayke, que eu sempre trago aqui para brincar e se divertir”, contou Damiano Prates da Costa, frequentador assíduo do lugar.



Qualidade e bom Atendimento
Aceitamos encomendas de pães e bolos.

Endereço: Escadaria João Rosa Neto, nº 82 Jaburu Tel.: 3324-1798